

A Terceira Via¹

Carolina Boniatti Pavese²

RESUMO:

A Terceira Via, chamada também de “Esquerda modernizadora” ou “Social Democracia modernizadora”, é um dos temas principais da obra do sociólogo inglês Anthony Giddens e, talvez, o mais polêmico deles. Neste trabalho pretende-se caracterizar e contextualizar essa teoria que propõe ir além da “esquerda” e da “direita”, e que está no cerne das discussões políticas atuais.

Palavras-chave : Terceira Via; Democracia; Neoliberalismo.

A produção de Anthony Giddens, além de ampla e inovadora, é também muito polêmica, o que confere ao sociólogo inglês o papel de um dos mais importantes teóricos da sociologia contemporânea. Além de participar ativamente na academia, lecionando e publicando suas obras, o trabalho de Giddens se estende também à gestão, ao empresariado e à intervenção política.

Em suas diversas obras, três são os temas mais recorrentes em Giddens: a reconstrução da teoria social, a reinterpretação da modernidade e a reformulação de uma teoria política – a Terceira Via.

Apesar da associação direta feita entre a Terceira Via e Giddens, não foi ele seu criador. De fato, esse termo já vinha sendo utilizado em outros períodos, tanto pela extrema-direita quanto pela extrema-esquerda, mas foi mais recorrido pelos governos social-democratas, considerados por muitos como a própria Terceira

Via durante a Guerra Fria, por representar uma alternativa ao liberalismo e ao socialismo. Caindo em desuso, foi com Anthony Giddens que a expressão retornou ao cenário do debate político.

Buscando articular uma reflexão política a uma análise sociológica - na década de 90 - Giddens propõe a criação de um modelo de sociedade baseado na ordem global contemporânea, que sintetizasse numa política original tanto as referências socialistas quanto as conservadoras. Em 1994, com a publicação de “para além da Esquerda e da Direita”, Giddens tornou-se um dos mais influentes ideólogos do Novo Trabalhismo inglês, passando a ser considerado um ideólogo do “centro radical”, mas também alvo de críticas tanto da Esquerda quanto da Direita. Até hoje.

A Terceira Via apresentada por Giddens, também chamada por ele de “esquerda modernizadora” ou “social-democracia modernizadora”, diz respeito a uma proposta que, localizada num centro político capaz de dar respostas a questões que a oposição esquerda-direita não consegue responder, aceita uma divisão do cenário político entre antes e depois de 1989, com a queda do muro de Berlim. É um esforço para reagir à mudança, capaz de desenvolver um projeto político integrado e forte que aborde questões como a desigualdade dentro do contexto do mundo contemporâneo, e de responder de forma sofisticada à globalização.

“O objetivo da política da Terceira Via, no meu entender, é levar a cabo as implicações políticas dos Novos Tempos, reconhecendo que isto significa que as posições e políticas estabelecidas da esquerda têm de ser profundamente reavaliadas. Se os social-democratas querem ter uma influência real no mundo, suas doutrinas devem ser repensadas de forma tão radical quanto foi feito meio século atrás, quando a social-democracia originalmente rompeu com o marxismo” (GIDDENS, 2001, P.36).

O conceito de cidadania ganha nova forma, e os governos, para desenharem suas políticas sociais, devem partir do princípio de que “não há direitos sem responsabilidades”, criando um novo contrato social, no qual todos aqueles cidadãos que gozam de algum benefício devem ser onerados, retribuindo de alguma forma

à sociedade. Assim, a Terceira Via julga que o governo, a economia e as comunidades da sociedade civil – as três mais importantes áreas do poder – devem estar restritas ao interesse da solidariedade e da justiça social. A igualdade de renda não deve ser tão almejada como propõem as políticas de esquerda, pois ela é incompatível com a diversidade social. O que Giddens propõe em seus ensaios sobre a Terceira Via é que as oportunidades sejam maximizadas e que haja um controle da desigualdade de renda, através do estabelecimento de um limite. Afirmando que a Terceira Via não despreza a esfera pública por considerá-la fundamental à reconstrução e renovação das instituições públicas, o sociólogo salienta a importância da sociedade civil ao bom funcionamento tanto do mercado quanto de um governo democrático.

Na esfera econômica, os mecanismos de crescimento devem ser conciliados com as reformas do *welfare state*, que deve ser reconstruído como um “Estado de investimento social”, capaz de buscar novas formas de inclusão. O poder das corporações deve ser controlado, mas também parte da economia deve ser desregulamentada, tendo em vista o desenvolvimento da “economia mista”. O mercado não pode mais ser visto como a fonte de todos os problemas sociais. Para a Terceira Via, ele o é tanto quanto o governo e o Estado.

Com o acompanhamento da expansão do capitalismo através da globalização, a Terceira Via reconhece a importância desse processo, que deve ser visto como benéfico em muitos campos, não apenas para o mercado, e considera que as questões ecológicas estão diretamente ligadas à globalização, merecendo destaque no debate.

Neste seu renascimento, a Terceira Via fora amplamente difundida e adotada, incluindo países onde até então não aparecera, como os Estados Unidos e a Inglaterra.

Incorporada pelos “novos democratas” americanos, a Terceira Via, por eles chamada de “novo progressismo”, foi apresentada como uma política capaz de lidar com um mundo em mudança. Afirmando que já era mais possível se falar em contrato social, como propunha o “velho” progressismo, os democratas consideravam ser necessária às políticas públicas a substituição

da preocupação na concentração e distribuição de riquezas pelo incentivo à sua criação. Deve-se incentivar as empresas e os trabalhadores a inovarem e se prepararem para a economia global, uma vez que não há mais como confiar nas instituições para assegurarem os direitos aos cidadãos. Prega, portanto, o “novo progressismo” em que, partindo de que todos tenham oportunidades iguais, cada um deve ser responsável pelo seu bem estar. Foram esses ideais da Terceira Via que embasaram as reformas promovidas pelo governo de Bill Clinton e redirecionaram a política norte-americana.

Na Inglaterra, que vivera tanto a experiência de governos liberais quanto de social-democratas, a Terceira Via fora acolhida pelo Partido Trabalhista como uma nova forma de “centro-esquerda”, chamada de “novo trabalhismo”. Trata-se de uma política que, apesar de apresentar características próprias decorrentes do histórico político inglês, possui muitos pontos similares aos do “novo progressismo” americano, sobretudo na ênfase dada ao crime, à comunidade e à família, e também na crença no mito de que os mercados são auto-reguladores, devendo ser restrito qualquer tipo de intervenção social e/ou institucional. Com a vitória do trabalhista Tony Blair, os ideais da Terceira Via chegaram ao ponto mais alto do governo britânico e ganharam destaque no cenário europeu, suscitando interesse e dúvida sobre essa nova forma de “centro-esquerda” – como se intitulavam os trabalhistas. O interesse pela Terceira Via era tanto que, em 1999, os principais líderes de governo se reuniram em Washington para discuti-la. Além de Blair e Clinton, também estavam presentes Gerhard Schröder (Alemanha), Massimo D'Alema (Itália) e Wim Kok (Holanda). Todos manifestaram seu apreço pelas propostas da Terceira Via.

Seguindo o encontro, Tony Blair e Schröder publicaram um texto sobre a Terceira Via, que definitivamente os afastou da social-democracia tradicional. Tratava-se de uma produção que fornecia um contexto geral da Terceira Via aos partidos de centro-esquerda europeus, e que apontava a necessidade da diminuição dos gastos públicos, a redefinição do papel do Estado e a maior liberdade à expansão das empresas como reformas importantes.

Assim como as práticas da Terceira Via diferem entre o modelo americano e o inglês, nos países europeus esse também é um fenômeno perceptível. Apesar de Giddens considerar que há apenas um único pensamento da Terceira Via com várias contribuições, alguns consideram que essas distintas práticas culminam na existência de mais de uma proposta. O partido Social-Democrata alemão é um dos que sustentam essa idéia, apresentando em um de seus trabalhos a existência de ao menos quatro formas de Terceira Via dentre os governos europeus. Para ele, o Novo trabalhismo britânico seria uma abordagem mais “orientada ao mercado”, enquanto a holandesa é voltada “ao mercado e ao consenso”. Na França, o programa em desenvolvimento dá ênfase a uma “via liderada pelo Estado, ao passo que a Suécia parece dar continuidade às suas políticas, promovendo um *“welfare state reformado”*”.

Evidentemente, ao renascimento da Terceira Via, tanto no plano teórico quanto nas práticas políticas, foram seguidas inúmeras críticas. Tanto a esquerda quanto a direita disseram que o teor das doutrinas da Terceira Via é dúvida. Trata-se de projeto impreciso, sem uma política econômica nítida. Para a esquerda, elas representam uma filosofia essencialmente de direita apresentada sobre um ângulo mais atraente. Já a direita considera que se trata de uma mistura de diversas políticas já existentes, carente de qualquer proposta original ou inovadora.

“Não há nova estratégia; na verdade o que há é uma estratégia antiga. A Terceira Via expressa a visão de mundo do setor corporativo multinacional – de que o mercado global somente funciona com eficácia se a participação do governo for mínima. (...) é a principal racionalização de um compromisso político entre esquerda e direita, em que a esquerda se aproxima mais da direita” (GIDDENS, 2001, PP.20-21).

Para Alan Ryan, a Terceira Via, ao tentar evitar que o mercado fique completamente livre, mas também que haja um excessivo predomínio do Estado sobre os aspectos sócio-econômicos de uma determinada sociedade, nada apresenta de novo. Trata-se de uma visão já existente desde o início do século XX e sustentada

pelos Novos Liberais.

Na Inglaterra, as maiores críticas foram feitas ao Novo Trabalhismo e às políticas adotadas por Tony Blair. Giddens (2001, pp.50-51) salienta que a posição de Stuart Hall - que apontou que a idéia de que os mercados globais são auto-reguladores e seu funcionamento dispensa uma estrutura social ou institucional - foi incorporada pelo Novo Trabalhismo. O consumidor tomou o lugar das concepções do cidadão e da esfera pública, e a globalização é aceita como uma “irresistível força da natureza”.

Assim, por ver a globalização como um processo inevitável e não propor mecanismos de luta contra as desigualdades, a Terceira Via é vista, sobretudo pela esquerda, como um projeto conivente com o neoliberalismo. E, apesar de não manter uma visão clara de esquerda e direita, algumas visões como de família e do controle de criminalidade denotam características típicas de um conservadorismo político.

Para Unger (2003), trata-se de uma tentativa de reconciliar a flexibilidade econômica dos norte-americanos com a proteção social européia, mas que representou uma retirada de direitos e de justiça, ocasionando insegurança econômica e social generalizada, beneficiando apenas a elite.

Apesar de ser acusada por alguns de ser um projeto anglo-saxão sem validade para outros contextos políticos e de todas as críticas, a Terceira Via fora acolhida por importantes líderes políticos no mundo inteiro. No Brasil, ela difundiu-se, sobretudo com o ex-presidente Fernando Henrique. Seu projeto político embebeu-se dos discursos e propostas apresentados no início dos anos 90 por outros líderes e foi severamente criticado, especialmente pela esquerda.

Apesar de condenar a falta de clareza política da Terceira Via e das políticas de seu antecessor, ocupando a cadeira da presidência, Lula e sua equipe de governo deram um tom mais moderado em seus discursos e ensaiam aproximações com os Progressistas (como a Terceira Via agora é conhecida). A recente participação do presidente brasileiro na cúpula de Londres, onde encontrou outros governantes, denunciou sua tendência à Terceira

Via. Elogios às suas políticas vieram de importantes líderes, como Tony Blair, que afirmou serem as propostas de Lula “compatíveis com as da Governança Progressista”. Foi o bastante para que, no cenário mundial, o presidente passasse a ser considerado como o mais novo adepto da Terceira Via que tanto criticou. O governo não assume nada e declara que apenas busca estreitar as suas relações e o diálogo com outros países.

Apesar de ser ainda cedo para avaliarmos a conduta política do novo governo brasileiro e tentarmos caracterizá-la como pertencente a uma ou outra proposta, o fato é que a Terceira Via é realmente de difícil visualização, o que permite certa comodidade. Em tempos nos quais a esquerda parece se enfraquecer e, quando vence, adota uma postura mais moderada, e onde o liberalismo em sua concepção mais radical já não consegue mais esconder seus nefastos efeitos sobre a maioria, esse é um projeto político que tem agradado a muitos. Mas, chamado de Terceira Via ou Governança progressista, já demonstrou sua ineficácia em responder aos problemas estruturais mundiais. As experiências que tivemos até então comprovam que não basta a flexibilização dos direitos sociais, é preciso eliminar a cruel desigualdade econômica e social dos povos, engajando as pessoas na solução de seus problemas coletivos e atribuindo essa responsabilidade a todos. Um projeto que tenta se apresentar como “neutro” em relação à dicotomia direita-esquerda e que evita um posicionamento forte em relação a inúmeras questões, mantendo-se “em cima do muro”, está longe de ser o ideal.

NOTAS:

1 - Trabalho apresentado à disciplina Teoria Sociológica III, ministrada pela professora Dra. Lígia Lüchmann, no curso de graduação em Ciências Sociais, semestre 2003/1.

2 - Bacharel em Relações Internacionais pela UNISUL e graduanda em Ciências Sociais pela UFSC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GIDDENS, Anthony. *A Terceira Via e seus críticos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Morte e legado da Terceira Via*. Disponível em: www.law.harvard.edu, acessado em 11 de julho de 2003.

ROSSI, Clóvis. *Terceira Via aprova as reformas de Lula*. Disponível em: www.folha.uol.com.br/folha acessado em 15 de julho de 2003.